



O CãO

Jornal da Associação Portuguesa do Cão da Serra da Estrela

Setembro – 2004

N.º 6



NESTE NÚMERO:

3 Editorial • Dieta durante a gestação • 4 Exposição Canina Mundial Rio de Janeiro 2004 • 5 Especial da Raça em Azeitão • 6 Especial da Raça em Sintra • 7 Shalom • 8 À conversa com... o criador de Cães da Serra da Estrela Henrique Mendes Brites • 10 Cardiomiopatia dilatada em cães • 12 A propósito de cardiomiopatia dilatada • 13 Europeia Barcelona 2004. • Clube Sueco do Cão da Serra da Estrela promove Exposição • 14 Se o Meu Cão Falasse...

PATROCINADOR OFICIAL DA APSCE
NUTRAGOLD®

CÃES DA SERRA DA ESTRELA

da **Ponta**
da **Pinta**

Vale da Pinta, Cartaxo

Carácter, saúde, funcionalidade, beleza

Nova ninhada nascida a 29/09/04:
Ch. Port. Fin. Nero da Casa Redonda x Jana de Sabuestrela



www.pontadapinta.net

pontadapinta@iol.pt

Progenitores com rastreio de displasias da anca e cotovelo e de cardiomiopatia dilatada

Tel. 243.719264, TM. 963061658



Seleção e criação de Bullmastiffs

Vista Alegre, Lote 534 – Casal do Sapo – 2865-196 Fernão Ferro
Tlm.: (00351) 936 715 680 – Fax: (00351) 212 107 553
Email: walterabreu@sapo.pt – www.tchipatchi.com

Canil da Quinta de S. Fernando do Cão da Serra da Estrela



Tel.:
(351) 275 981 215

Tlm.:
919 465 318

Fax:
(351) 275 982 670

Cachorros com Registo L.O.P. e Afixo reconhecido pelo FCI descendentes de campeões e das melhores linhas da Serra da Estrela de Suzette Preiswerk da Mota Veiga
Quinta de S. Fernando – Caixa Postal 16
6260 Manteigas – Portugal
www.estrela-dog.online.pt / suzette.veiga@sapo.pt

A qualidade de uma raça
resulta-se com trabalho,
dedicação e conhecimento...
É isso o que fazemos diariamente.

ACEITAM-SE RESERVAS DE CACHORROS



Trabalha-se com a qualidade e com a saúde dos cães da Serra da Estrela.



Vale do Juiz

SELECÇÃO SELECTIVA E EM ENCLAVAMENTO DE
CÃO DA SERRA DA ESTRELA

Caixas do Vale do Juiz

1.ª Caixa: 1000,00 €
2.ª Caixa: 1500,00 €
3.ª Caixa: 2000,00 €
4.ª Caixa: 2500,00 €

5.ª Caixa: 3000,00 €

6.ª Caixa: 3500,00 €
7.ª Caixa: 4000,00 €
8.ª Caixa: 4500,00 €
9.ª Caixa: 5000,00 €

Reprodutores disponíveis
para beneficiação.

Cachorros disponíveis.

Contactos: Edgar Mota Veiga Dolgner – Tm. 919405871 – Tel. 238315495 – Seia

Email: valedojuz@mail.pt

Editorial



Caros amigos,

Aqui estamos nós outra vez para vos apresentar mais um número do jornal **O Cão**, que pretendemos venha servir de alguma forma a todos aqueles que estão ligados ao nosso Cão da Serra da Estrela.

Queremos deixar um agradecimento a todos os que colaboraram nesta edição, aos anunciantes e em especial ao Sr. Artur Ferreira e ao Sr. Carlos Neto, sócios-gerentes da empresa BIO 2, patrocinadora oficial da nossa Associação, sem cujo contributo seria mais difícil concretizar este projecto.

Estamos no fim de mais um mandato. As eleições para os corpos sociais da APCSE, terão lugar em Fevereiro de 2005, e desde já apelamos para a participação de todos os associados.

Termino lembrando-vos que a APCSE necessita da vossa colaboração.

Rui Rosa

Dieta durante a gestação

MÁRIO SANTOS*

Idealmente a cadela deve estar no peso ideal antes da gestação. Todas as cadelas obesas devem diminuir de peso antes da gestação para poderem aumentar a taxa de concepção e diminuir os riscos de distocia e diminuição da lactação. A gestação não é uma boa altura para emagrecer. Durante as três primeiras semanas de gestação uma cadela em boas condições físicas vai aumentar pouco ou quase nada de peso.

O consumo de uma dieta de manutenção de alta qualidade é perfeitamente suficiente, a não ser que a cadela esteja demasiado magra. Cadelas que estejam demasiado magras e que fiquem grávidas devem comer uma ração de crescimento ou ração tipo performance para corrigir rapidamente o peso.

Às três semanas de gestação muitas cadelas sofrem uma perda de apetite que pode persistir durante uma semana.

Náuseas e vômitos, ocasionalmente, podem acompanhar esta perda de apetite. O apetite normal pode retornar pela quarta semana de gravidez. Há cadelas que podem ter pouco apetite durante toda a gravidez. Um exame físico e bioquímico detalhado deve ser efectuado para descartar qualquer problema médico subjacente.

Se não existir qualquer problema, podemos juntar alho em pó, ou misturar comida de lata juntamente com a ração seca, para aumentar a palatibilidade e assim estimularmos o apetite.

Se com tudo isto não conseguirmos, poderá ser necessário forçar a alimentação, colocando pequenas bolas de comida de lata no fundo da boca.

Durante a segunda parte da gestação, aumentam as necessidades energéticas, assim como as necessidades em proteínas e hidratos de carbono. Tudo isto consegue-se pelo aumento da administração de

uma ração de manutenção de alta qualidade.

A quantidade de comida necessária na fase final da gestação aumenta em proporção com o número de cachorros e crescimento. Um aumento médio de 40% no consumo de comida, acompanha um aumento de peso de 20-55%. Devido ao aumento do tamanho do útero aumenta a pressão abdominal. É melhor alimentar a cadela com comidas mais frequentes e menor quantidade, do que dar duas refeições por dia e com quantidades excessivas. A maior parte das cadelas deixam de se alimentar 24 a 48 horas antes do parto.

A administração adicional de vitaminas e suplementos a cadelas gestantes está completamente contra-indicado. A suplementação com cálcio ainda é bastante frequente, mas completamente desnecessária.

Ainda que as necessidades em cálcio aumentem durante a gestação, estas são satisfeitas pelo aumento da quantidade de ração ingerida. Um excesso de cálcio na dieta, para além do que é fornecido pela dieta de alta qualidade, suprime a paratormona e aumenta o risco de a cadela sofrer uma hipocalcemia pós-parto. Os criadores não devem, portanto, adicionar cálcio à dieta de uma cadela grávida.

Suplementação de vitaminas pode ser bastante problemático; um excesso de vitamina A está associado normalmente ao aparecimento de defeitos congénitos: o mais frequente é a fenda palatina. Um excesso de vitamina D pode complicar a capacidade de mobilização do cálcio da cadela. A suplementação com ácidos gordos Omega 3 maximiza o desenvolvimento cerebral e da retina dos fetos.



* Director Clínico do Hospital Veterinário do Porto

A nossa Capa



PROPRIEDADE
Associação Portuguesa
do Cão da Serra da Estrela
Estrada Nacional, 37 Boavista
2560-426 Silveira
Tel./Fax: 261 933 278
TM: 937 771 986
www.apcse.com.pt
info@apcse.com.pt

DIRECÇÃO
Rui Rosa
João Costa
José Almeida

Ficha Técnica

CORPO REDACITORIAL
Paula Reis
Helena Costa
Fátima Calamote
João Costa
José Almeida
Rui Rosa
Marco Lopes

COLABORADORES
DESTE NÚMERO
Rui Rosa
Paula Reis
Mário Santos

Fernanda L. L. Cardoso
Manuela Paraíso
José P. Sales Luís
Vitor Veiga
Rui Garção
«Max»

GRAFISMO E PAGINAÇÃO
Abertino Calamote
acalamote@sapo.pt

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
LIGRATE – Atelier Gráfico, Lda.
MOINHOS DA FUNCHEIRA-AMADORA

TIRAGEM
5 000 exemplares

FOTO DA CAPA
O Cão da Serra da Estrela,
o pastor e o rebanho – uma
solidariedade a três

Os artigos publicados
são da exclusiva responsabilidade
dos seus autores

Exposição Canina Mundial Rio de Janeiro 2004

MANUELA PARAÍSO

“Nossa, esse cachorro é bárbaro!”

Se um Cão da Serra da Estrela pudesse escolher onde gostaria de passar uns dias no mês de Abril, seria pouco provável que a opção fosse o Rio de Janeiro. Calor, dia e noite, humidade, quase sem uma aragem. A juntar a isso, nove horas de voo para lá e outras nove para cá, mais umas quantas de espera nos aeroportos, sempre dentro de transportadoras; e, como se isso não bastasse, um pesadelo sem ar condicionado chamado Rio Centro, onde se realizou a Exposição Canina Mundial 2004. Não é o sonho de nenhum Serra da Estrela, mas foi a aventura em que se lançaram duas famílias de “viciados” na raça: nós, da Ponta da Pinta, e os nossos colegas da Casa de Loas, acompanhados pelos nossos amigos Serras. Na bagagem, a perspectiva de alguns dias de férias e sobretudo a esperança de um título mundial para os cães.

De Portugal, partiram cinco exemplares, todos da variedade de pêlo comprido. Um deles, Tutankhamon da Ponta da Pinta, ficou no Brasil, nas mãos de Valquíria Lemos, uma criadora de Porto Alegre que levou ao Mundial uma fêmea adulta criada em Portugal, chamada “Kirra”. Um sexto exemplar, “D’Ouro da Costa Oeste”, de 2 meses, viajou também para o Rio, destinado a um jovem casal carioca, Marcela Campbell e Alexandre Lopes; estes, já proprietários de uma cadela adulta proveniente de um canil brasileiro, agora inativo, empreenderam o desafio de começar a criar Serras. O Mundial no Rio de Janeiro proporcionou assim oportunidade para a raça ser relançada naquele país (onde é ainda desconhecida pela esmagadora maioria das pessoas), com estes novos criadores, de duas cidades diferentes, a comprometerem-se



FOTO: A.C.

Marcela Campbell, nova viciada na raça, no meio do clã da Ponta da Pinta (com Cheyenne, Baden Baden e tutankhamon, deitado) e Fátima Calamote, da Casa de Loas, com o Max e a Barroca

em desenvolver, em cooperação, um trabalho de beneficiamento da variedade de pêlo comprido. Os primeiros frutos rebentaram já, com o nascimento, em Agosto, da primeira ninhada da criadora de Porto Alegre.

Nas duas exposições, agrupadas no mesmo fim-de-semana, de 15 a 18 de Abril, a raça foi avaliada por juízes portugueses. Luís Pinto Teixeira julgou a Internacional do Rio de Janeiro, enquanto Carla Molinari teve a seu cargo o julgamento da Exposição Mundial. Foram eles o garante de que, ao contrário do que tem acontecido em recentes Exposições Mundiais e Europeias (em que os julgamentos do Cão da Serra da Estrela têm sido entregues a estrangeiros desconhecedores da raça), a avaliação não iria ser aleatória. Durante os julgamentos, foi com surpresa que se viu juntar-se à volta dos ringues várias pessoas interessadas pelos Serras e se ouviu, nas finais em que eles participaram, calorosas ovações do público – o mesmo público que, nas ruas de Copacabana ou em todos os lugares por onde os nossos patudos amigos se passearam, ficou visivelmente fascinado por estas “que coisas mais lindas”, grandes, peludas e afáveis.

Uma nota ainda para a calamitosa organização, a cargo do CBKC, mal preparada, sem rigor, conhecimento ou profissionalismo, e a evidenciar uma

tendência comum a algumas entidades oficiais brasileiras (como, por exemplo, a polícia de trânsito carioca e o aeroporto internacional do Rio): meter a mão no bolso dos turistas. Parece inconcebível, mas para regressarmos a casa com os títulos de Campeões Brasileiros, a que os nossos cães tiveram direito, fomos forçados, nós estrangeiros, a pagar por eles – e o triplo do valor que os expositores brasileiros teriam que desembolsar!

Foi apropriada a selecção musical que o avião da TAP em que viajámos para o Rio escolheu para a altura do desembarque: Lou Reed, “Walk on the Wild Side”, e também “Wild World”. Um aviso. Não fossem os passageiros esquecer-se do que os esperava...

Eis os resultados:



FOTO: Edmilson Reis

Barroca da Quinta da Cerdeira, Vencedora Mundial 2004



FOTO: Edmilson Reis

Baden Baden da Ponta da Pinta, Vencedor Mundial 2004

Especial da Raça em Azeitão

APCSE

Exposição Internacional do CBKC Juiz: Luís Pinto Teixeira

Fêmeas Classe Jovens

1.º, CJC, Melhor Jovem da Raça: CHEYENNE DA PONTA DA PINTA; cr. prop. Manuela Paraíso e Rui Garção.

Fêmeas Classe Aberta

1.º, CAC, CACIB: BARROCA DA QUINTA DA CERDEIRA; cr. Henrique Mendes Brites, prop. Fátima Calamote e José Almeida.

2.ª, KIRRA; cr. José Fernando Paradelo, prop. Valquíria Dias da Costa Lemos.

Machos Classe Aberta

1.º, CAC, CACIB, Melhor da Raça: BADEN BADEN DA PONTA DA PINTA; cr. prop. Manuela Paraíso e Rui Garção.

2.º, RCAC, RCACIB: MAX DA QUINTA DA CERDEIRA; cr. Henrique Mendes Brites, prop. Fátima Calamote e José Almeida.

Exposição Mundial Juiz: Carla Molinari

Fêmeas Classe Jovens

1.º, CJC, Melhor Jovem da Raça, Jovem Campeã Mundial 2004: CHEYENNE DA PONTA DA PINTA; cr. prop. Manuela Paraíso e Rui Garção.

Fêmeas Classe Aberta

1.º, CAC, CACIB, Melhor Fêmea da Raça, Campeã Mundial 2004: BARROCA DA QUINTA DA CERDEIRA; cr. Henrique Mendes Brites, prop. Fátima Calamote e José Almeida.

2.ª, RCAC, RCACIB: KIRRA; cr. José Fernando Paradelo, prop. Valquíria Dias da Costa Lemos.

Machos Classe Jovens

1.º, CJC, Jovem Campeão Mundial 2004: TUTANKHAMON DA PONTA DA PINTA; cr. Manuela Paraíso e Rui Garção; prop. Valquíria Dias da Costa Lemos.

Machos Classe Aberta

1.º, CAC, CACIB, Melhor da Raça, Campeão Mundial 2004: BADEN BADEN DA PONTA DA PINTA; cr. prop. Manuela Paraíso e Rui Garção.

2.º, RCAC, RCACIB: MAX DA QUINTA DA CERDEIRA; cr. Henrique Mendes Brites, prop. Fátima Calamote e José Almeida.

No conjunto das duas exposições, conquistaram ainda os títulos de Campeão Brasileiro, respectivamente, em fêmeas, em machos e em jovens:

- Barroca da Quinta da Cerdeira;
- Baden Baden da Ponta da Pinta;
- Cheyenne da Ponta da Pinta.

No passado dia 4 de Abril, decorreu a 1.ª Especial da raça Cão da Serra da Estrela deste ano, que contava para as classificações do Campeonato Interno da Associação Portuguesa do Cão da Serra da Estrela (APCSE), e integrada na 1.ª Exposição Canina Nacional da Costa Azul.



FOTO: APCSE

Juiz analisa exemplar de pêlo comprido

A APCSE esteve representada com um stand para divulgação da raça, nos dois dias de eventos.

No sábado, dia anterior à Especial, houve um concurso denominado «A Criança e o Cão», onde os Serras da Estrela estiveram representados por dois exemplares.

A Especial, organizada pela APCSE e com o apoio da ração *NutraGold* – Bio 2, contou com a presença de 61 exemplares, sendo 16 da variedade de pêlo curto e 45 de pêlo comprido. Os julgamentos estiveram a cargo do juiz Dr. Rui Gonçalves, comissariado por Elvira Cansado e Catarina Quintino.

O Cão da Serra da Estrela foi a raça mais representada em toda a exposição, com maior número de inscrições em catálogo.

Os resultados foram os seguintes:

Variedade de Pêlo Comprido

Classe de Cachorros

Cães – 1.º / Melhor Cachorro – CONDE DA SERRA DE SINTRA – Cr./Pr.: António Altavilla.

Cadelas – 1.º – LADY DA SERRA DE SINTRA – Cr./Pr.: António Altavilla.

Classe de Juniores

Cães – 1.º – RAMSES DA PONTA DA PINTA – Cr.: Manuela Paraíso & Rui Garção; Pr.: Eduardo Coimbra Pereira.

Cadelas – 1.º / Melhor Fêmea / Prémio de Raça – ERIKA DA COSTA OESTE – Cr./Pr.: Rui Rosa.

Classe Intermédia

Cães – 1.º / RCAC – VAGNER DA CASA REDONDA – Cr.: Rui Oliveira; Pr.: M. João Miranda.

Cadelas – 1.º / RCAC – SHEILA JÚNIOR DA SERRA DE SINTRA – Cr./Pr.: António Altavilla.

Classe Aberta

Cães – 1.º / CAC – BADEN BADEN DA PONTA DA PINTA – Cr./Pr.: Manuela Paraíso & Rui Garção.

Cadelas – 1.º / CAC – JANA DE SABUESTRELA – Cr.: Rui Laranjo; Pr: Manuela Paraíso & Rui Garção.

Classe de Campeões

Cães – 1.º / CCC / Melhor Macho – CAJU DO VALE DO JUÍZ – Cr./Pr.: Edgar Dolgner.

Cadelas – 1.º / CCC – GABY DO SERTÓRIO – Cr.: Manuel Coito; Pr.: Rui Rosa.

Variedade de Pêlo Curto

Classe de Cachorros

Cadelas – 1.º / Melhor Cachorro – ASSE D'ASSE DE SÃO LOURENÇO DE ERMEZINDE – Cr.: M. Clotilde Soares; Pr.: João Direito.

Classe de Juniores

Cães – 1.º – BOLONIODALP – Cr./Pr.: Manuel Rocha.

Cadelas – 1.º / Melhor Fêmea – C'GARDUNHA D'ALPETRATÍNIA – Cr./Pr.: João Silvano.

Classe Intermédia

Cães – 1.º / CAC / Melhor Macho / Prémio de Raça – ADRO D'ALPETRATÍNIA – Cr./Pr.: João Silvano.

Cadelas – 1.º / RCAC – AFA D'ALPETRATÍNIA – Pr.: João Silvano.

Classe Aberta

Cães – 1.º / RCAC – LUPO – Pr.: Marco Lopes.

Cadelas – 1.º / CAC – TRÓIA – Pr.: Ana Sabugueiro.



FOTO: APCSE

Fêmea de pêlo curto em prova

Além das classificações já referidas, esta raça conseguiu ainda, vários lugares no pódio, durante as grandes finais:

1.º Jovem Promessa Fêmea – ERIKA DA COSTA OESTE.

1.º Melhor Cachorro do 2.º Grupo – CONDE DA SERRA DE SINTRA.

2.º Melhor Exemplar das Raças Portuguesas – ERIKA DA COSTA OESTE.

1.º Melhor Par – EBANO & SEQUOIA DA PONTA DA PINTA.

2.º Melhor Grupo de Criador – Canil da Ponta da Pinta.

No largo da feira de S. João das Lampas – Sintra, no dia 24 de Julho, integrada na 23.ª Exposição Canina Nacional de Sintra, a Associação Portuguesa do Cão da Serra da Estrela (APCSE) organizou mais uma especial da raça, com o já habitual apoio da ração *NutraGold* – Bio 2, patrocinadora desta Associação.

No mesmo recinto, a APCSE montou um stand de informação e venda de artigos referentes ao Cão da Serra da Estrela.

Notou-se um grande interesse por parte do público que mostrou conhecer a raça, sendo frequente as pessoas que referiam serem proprietárias de um exemplar e colocaram questões, que foram prontamente esclarecidas.

Mais uma vez, a raça Cão da Serra da Estrela, foi a mais representada em toda a exposição, com 36 exemplares.

Os julgamentos estiveram a cargo do juiz Dr. Victor Veiga.

Como habitualmente em todas as especiais organizadas pela APCSE, as classificações contavam para o apuramento dos cães mais pontuados do ano, do Campeonato Interno da Associação.

As classificações da Especial de Sintra, foram as seguintes:

Variedade de Pêlo Comprido



MELHOR CACHORRO: Gajaboa da Costa Oeste



CÃES: CAC – Rambo da Quinta da Cerdeira; RCAC – Beirão da Quinta de S. Fernando



CADELAS: CAC – Carochinha da Serra de Sintra; RCAC – Triana da Quinta da Cerdeira



MELHOR MACHO / MELHOR DA RAÇA: Igor da Serra de Sintra
MELHOR FÊMEA: Barroca da Quinta da Cerdeira

Classe de Cachorros

Cães – 1.º – LUBANGO DA PONTA DA PINTA – Cr./Pr.: Manuela Paraíso e Rui Garção.

Cadelas – 1.º / Melhor Cachorro – GAJABOA DA COSTA OESTE – Cr./Pr.: Rui Rosa.

Classe de Juniores

Cães – 1.º – RAMSÉS DA PONTA DA PINTA – Cr.: Manuela Paraíso & Rui Garção; Pr.: Eduardo Coimbra Pereira.

Cadelas – 1.º – ERIKA DA COSTA OESTE – Cr./Pr.: Rui Rosa.

Classe Intermédia

Cães – 1.º – PLÁTANO DA PONTA DA PINTA – Cr.: Manuela Paraíso & Rui Garção.

Classe Aberta

Cães – 1.º / CAC – RAMBO DA QUINTA DA CERDEIRA – Cr./Pr.: Henrique Mendes Brites.

Cães – 2.º / RCAC – BEIRÃO DA QUINTA DE S. FERNANDO – Cr./Pr.: Suzette Veiga.

Cadelas – 1.º / CAC – CAROCHINHA DA SERRA DE SINTRA – Cr.: António Altavilla; Pr.: Manuela Paraíso & Rui Garção.

ça em Sintra

texto e fotos)

Cadelas – 2.º / RCAC – TRIANA DA QUINTA DA CERDEIRA – Cr./Pr.: Henrique Mendes Brites.

Classe de Campeões

Cães – 1.º / CCC / Melhor Macho / Melhor da Raça – IGOR DA SERRA DE SINTRA – Cr.: António Altavilla; Pr.: Rui Rosa.

Cadelas – 1.º / CCC / Melhor Fêmea – BARROCA DA QUINTA DA CERDEIRA – Cr.: Henrique Mendes Brites; Pr.: Fátima Almeida e José Almeida.

Variedade de Pêlo Curto

Classe de Cachorros

Cadelas – 1.º / Melhor Cachorro – HIERACITE – Cr.: Ana Sabugueiro; Pr.: João Silvino Costa.



MELHOR CACHORRO: Hieracite

Classe de Juniores

Cães – 1.º / Melhor Macho / Melhor da Raça – ABEL DE S. LOURENÇO DE ERMEZINDE – Cr.: Clotilde Soares; Pr.: João Silvino Costa.

Cadelas – 1.º / Melhor Fêmea – EUEMIADALP – Cr.: João Direito; Pr.: João Silvino Costa.

Classe Intermédia

Cães – 1.º / RCAC – ADRO D'ALPETRATÍNIA – Cr./Pr.: João Silvino Costa.

Classe Aberta

Cães – 1.º / CAC / Melhor Veterano – MONDEGO – Cr./Pr.: Duarte Leal e Teresa Azevedo Gomes.

Cadelas – 1.º / CAC – LAGOAH – Cr./Pr.: João Silvino Costa.



CÃES: CAC – Mondego; RCAC – Adro d'Alpetratínia



MELHOR MACHO / MELHOR DA RAÇA: Abel de S. Lourenço de Ermezinde
MELHOR FÊMEA: Euemiadalp



Este cão é o Shalom.

Tem nove anos. Quando foi fotografado tinha apenas oito, mas, aos meus olhos, não mudou nada entretanto.

Shalom

É um cão divertido, meigo, rezingão e grande companheiro. Adorava o dono e andou mais de um ano a olhar interrogativamente para o seu lugar à mesa quando ele, depois de uma longa doença, nos deixou. Então o Shalom adoptou um bichinho de feltro que havia sobre a mesa de cabeceira do dono. Levava-o para a sala e deitava-se com ele, lavando-o conscienciosamente... até que o desfez por completo.

É muito amigo dos seus amigos, que cuidam dele e o levam a passear. Quando um deles chaga manifesta a sua alegria com saltos, corridas e brincadeiras de cão.

Na rua porta-se lindamente, excepto quando vê cães grandes ou algum dos seus inimigos, que eleger não sabemos bem como. Aí é preciso força, autoridade e presença de espírito para o impedirmos de se lançar em rixas inglórias.

Com alguma relutância, nesses casos, acaba por obedecer.

Como se pode ver pela foto, é um belo anarquista risonho e de olhos doces.

Fernanda Lima Lopes Cardoso
Sócio n.º 311 da APCSE

À conversa com... o criador de Cães da



FOTO: J. A.

«O Cão – Jornal da Associação Portuguesa do Cão da Serra de Estrela» inicia, neste número, um conjunto de entrevistas a várias personalidades que, de forma vincada e reconhecida, defendem a raça nacional do Cão da Serra de Estrela. Henrique Brites é, porventura, um dos mais conhecidos criadores e um apaixonado do Cão da Serra de Estrela. É ele o nosso entrevistado de hoje.

☉ **Cão** – Quando começou a sua paixão pelos Cães?

Henrique Mendes Brites (HMB) – Bom..., sempre gostei muito de cães. Eu teria sete ou oito anos e já pedia aos meus pais que me deixassem ter um cachorrinho. Ao fim de algum tempo consegui autorização e alguém nos deu um, o qual, vim a saber que era um cão de caça (Podengo Português de Pelo Cerdoso), sendo utilizado, com nossa autorização, por um nosso vizinho que era caçador. Quando este morreu arranjei outro, que era o Piloto.

Quando casei comecei a caçar ao coelho, e após algum tempo dediquei-me à caça da perdiz, para o que arranjei outro tipo de cães, tais como Pointer, Braço Alemão e mais tarde Epagneul Bretão. A idade avançava e as pernas – essenciais para este tipo de caça – já não ajudavam muito. Esta última raça caçava mais devagar, o que me ajudava bastante. Como este passatempo enraizei mais a minha paixão e admiração pelos cães.

☉ **Cão** – Porquê criador de cães da raça Cão Serra de Estrela e quando começou?

HMB – Há cerca de doze anos deixei de exercer a actividade de comerciante e resolvi fazer alguns melhoramentos numa quinta que há muitos anos havia comprado e que durante muito tempo esteve praticamente abandonada, devido, especialmente, às dificuldades de mão-de-obra na agricultura e também porque a minha actividade comercial

contribuía para tal abandono. Comprei uma cadela com LOP ao canil da Vila Aradas, nesta minha cidade da Guarda. Mais tarde o proprietário deste canil viu a cadela e ficou muito admirado ao constatar que ela reunia condições para participar em exposições caninas, com possibilidade de ficar bem classificada. Entusiasmou-me e levámos a cadela a uma exposição a Tomar, na qual ganhou um CAC.

Isto foi, para mim, um «vírus» que apanhei, pois aliado à minha grande paixão pelos Serra da Estrela, vi oportunidade de me tornar criador destes cães de que eu tanto gostava e admirava. Comprei um macho, algumas fêmeas e fiz um pequeno canil. Registei o afixo *Da Quinta da Cerdeira* (nome da minha quinta) no Clube Português de Canicultura e dediquei-me à criação. Comecei a participar em exposições caninas, ganhando muitas vezes “O Melhor Cachorro”, o “Melhor Júnior”, o “Melhor da Raça”, e a paixão pelos Serra da Estrela, que já existia há muito tempo, ganhou tamanhas raízes que hoje me é impossível viver sem eles.

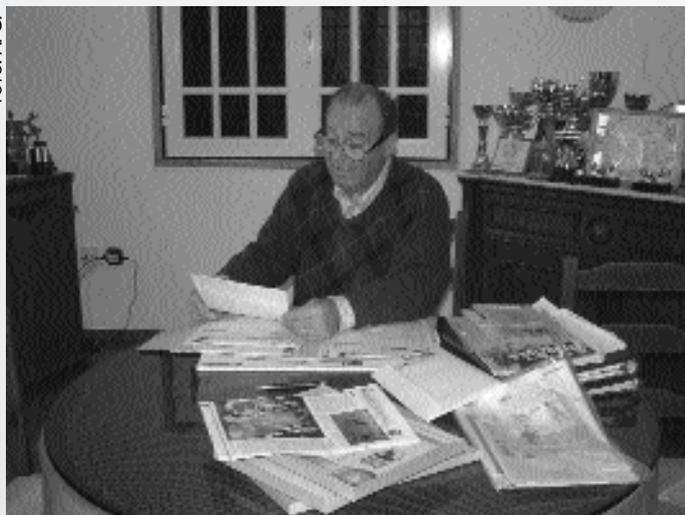
☉ **Cão** – O que vê no Cão da Serra de Estrela, para justificar a sua preferência pela Raça?

HMB – Vou contar-lhes duas pequenas histórias (pequenas, autênticas e comovedoras).

Há cerca de quarenta anos comprei uma quinta a seis quilómetros da cidade da Guarda, chamada «Quinta da Cerdeira». Passados alguns anos contratei um casal jovem para a tratar. Ele pediu-me para lhe arranjar, para lá, um cão, ao que eu acedi, muito contente, por ter oportunidade de arranjar um Serra da Estrela, cão que por excelência se impunha para guardar uma quinta. Era uma cadela.

Acontece que passado um ano o caseiro se despediu e a cadela, fiel ao lugar onde tinha sido criada, ali ficou sozinha, dia e noite, guardando o território onde havia passado a sua juventude.

FOTO: A. C.



Henrique Brites na sua sala de trabalho na Quinta da Cerdeira, junto à Guarda. Trata-se, também, de uma magnífica sala de troféus e um autêntico «santuário» ao Cão da Serra de Estrela

Escusado será dizer que todos os dias eu lhe levava a comida.

Era uma cadela que sabia guardar, e de que maneira! A linha telefónica Guarda-Covilhã passava na quinta, e os guardafios, que tinham de fiscalizá-la quando havia avarias, iam munidos de um grande «cacete» para se defenderem dela.

Num dia de inverno (naquela altura muito rigorosos quanto ao frio que fazia) ela teve uma ninhada. Quando as crias tinham cerca de dois meses, veio um enorme nevão que interrompeu o trânsito nas estradas. Além da muita neve que havia caído fizeram-se sentir temperaturas tão baixas (cerca de 8 e 10 graus negativos) que impossibilitavam a descongelação da neve. Recordo-me perfeitamente que estive sem poder levar-lhe comida durante quatro ou cinco dias, julgando até que eles tivessem morrido à fome, pois ela já não dava leite.

Quando o tempo o permitiu, lá fui levar-lhe comida, mas sempre receando o pior. Qual o meu espanto quando, ao chegar à casota que os acolhia, vi, por cima da neve, portanto fora da casota, um osso com alguma carne (uma perna). A neve ensanguentada e eles, felizes da vida derriçando na comida com grande apetite. Tratava-se, sem dúvida, de UMA MÃE SERRA DA ESTRELA!

Mais tarde, numa outra ninhada, de cerca de mês e meio, aconteceu o seguinte:

Eu tinha feito, junto à casa, umas enxertias em videiras bravas (bacêlo) que havia plantado no ano anterior para poder fazer uma latada. Quando entra a Primavera é preciso saber se os excertos pegam. Para quem não está dentro do assunto, devo dizer que o enxerto consiste em cortar o bacelo bravo rente ao chão, introduzir um garfo manso (pua), de uma determinada variedade, bem apertada com rafia, fazendo, de seguida, um montículo de terra que tape o enxerto totalmente, esperando que da pua, furando a terra que a cobre, apareça um ou mais bropes, o que significa que o enxerto pegou.

Serra da Estrela Henrique Mendes Brites

Pois um belo dia já a maior parte dos excertos estavam pegados e, ao levar-lhes comida, verifico que eles na brincadeira tinham danificado grande parte deles. Fiquei de tal maneira furioso que perdi as estribeiras. Peguei numa giesta seca que encontrei ali perto e bati com ela, tanto na mãe como nos filhos, berrando e correndo atrás deles para continuar a bater-lhes. Em resumo perdi a cabeça: furioso, arrependi-me e fui embora sabe Deus como.

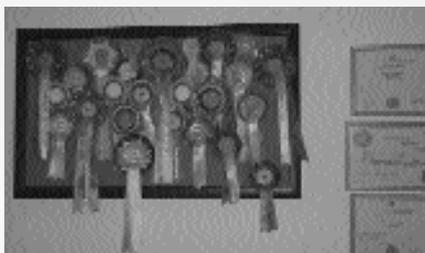


FOTO: A. C.



FOTO: A. C.

Documentos da paixão de uma vida...

Durante quase uma semana continuei a trazer-lhes comida, mas os cachorros tinham desaparecido. Ela, a mãe, olhava para mim, para a comida, muito triste, muito meiga, lambendo-me as mãos, como que agradecendo. Mas não tocava na comida: esta, no entanto, desaparecia...

Um dia, intrigado, deixei-lhe a comida, despedi-me dela com meiguices, entrei no carro e vim embora. Só que parei o carro a uma distancia de 200 a 300 metros e resolvi espreitá-la. Qual o meu espanto quando, quase de imediato, a vejo atravessar a estrada com comida na boca, desaparecendo para dentro de um pinhal novo, com cerca de sete ou oito anos, muito cerrado, regressando para voltar a fazer o mesmo por duas ou três vezes até acabar a comida!

Fiquei a saber que ela tinha levado para lá os cachorros onde estiveram cerca de oito ou dez dias, fugindo assim à tirania do dono que tão cruelmente os havia tratado (então já arrependidíssimo)!

Tentei no dia seguinte, com a ajuda de outra pessoa, recolher os cachorros, mas eles fugiram de nós, talvez recordando os maus-tratos a que os haviam submetido. Desgostoso e arrependido mil vezes de os ter maltratado, regresssei a casa pensando no que havia de fazer.

Lembrei-me então de pedir, a um amigo que tinha um talho, umas aparas de carne e alguns

ossitos pequenos (que foram muitos). Fui ter com a cadela, mostrei-lhe o saco com eles, chamei-a e encaminhei-me para o pinhal onde ela escondera os cachorros. Tentando aproximar-me o mais possível deles, despejei o saco no chão e, falando com a cadela, — digo falando porque eles, SERRAS DA ESTRELA, nos entendem. E isto só quem sente uma grande paixão e admiração por estes nossos amigos o sabe — dizia eu, falando e acariciando-a com meiguices, disse-lhe: — isto fica aqui para ti e para os teus filhotes. Despedi-me dela com ternura, e mais uma vez arrependido de os ter tratado tão cruelmente.

Qual o meu espanto!!!

No dia seguinte, quando voltei para trazer mais comida, a cadela e os seus filhotes estavam em casa, junto do lugar onde tinham nascido!

Ela, junto de mim, gemia de contente e lambia-me as mãos; os cachorros brincavam junto de mim. Foi a mãe que lhes disse que podiam voltar? Foi a mãe que compreendeu o que eu lhe dissera no dia anterior?

De facto, os cães não falam mas que entendem e são os mais fiéis amigos do seu dono, ainda que num momento de desespero e de irritação os tratemos de uma maneira que eles não merecem. Além do mais, o SERRA DA ESTRELA sabe perdoar e esquecer, bastando para isso uma palavra meiga e uma carícia.

Foi assim que nasceu a minha paixão e admiração pelo CÃO SERRA DA ESTRELA.

☉ Cão – Que prémio ou prémios lhe causaram maior prazer e onde os conquistou?

HMB – Prémios foram muitos! Alegria, satisfação e prazer quando se conquista um 1.º lugar é o fruto de muito trabalho, dedicação, e de conseguir criar bons exemplares.



FOTO: A. C.

Aspecto do Canil da Quinta da Cerdeira [num dia chuvoso e cinzento...]

O que me causou maior alegria foi o que conquistou uma cadela de nome MORANGA, agora com cerca de dez anos, convidada pelo Clube Português de Canicultura a fazer parte integrante dos cães apurados para a final dos «campeões dos campeões» de 1997, que se realizou no Pavilhão Rosa Mota, na cidade do Porto.

Foram 58 campeões de beleza, seleccionados ao longo do ano de 1997. De todos estes foram apurados oito cães para disputarem a final. Ela estava entre eles.



FOTO: A. C.

Ouvíamos, embevecidos, histórias entusiásticas de amor ao Cão da Serra da Estrela

De entre os oito cães seleccionados, a juiz Steffy Kirschbichler, de nacionalidade austríaca, atribuiu o título de Campeão dos Campeões 1997 à Moranga, cadela da Serra da Estrela, propriedade do Canil Quinta da Cerdeira (Note-se que foi esta a primeira vez, na história do Campeão dos Campeões, que este troféu foi ganho por um exemplar de uma raça nacional).

Este foi o dia mais feliz da minha vida, no que diz respeito à canicultura.

☉ Cão – O Cão é o órgão oficial da Associação Portuguesa do Cão da Serra da Estrela, de que é sócio prestigiado. Qual a sua opinião sobre a APCSE e o que acha que deveria ser melhorado?

HMB – A APCSE tem vindo, nestes últimos anos, especialmente durante a vigência da actual direcção, a desenvolver uma actividade digna de louvor.

Entre muitas coisas positivas, saliento a obtenção do entendimento mútuo – que não fora conseguido durante muitos anos – da APCSE com a LICRASE, o que se reputa de muito importante, pois que tanto uma como outra são instituições que defendem os interesses do Cão da Serra da Estrela.

Quanto ao que há para ser melhorado, tudo o que disser respeito ao Cão Serra da Estrela, será sempre bem-vindo, por exemplo uma sede para a Associação. Sei que a actual direcção está lutando e sonhando com isso, mas também sei que os recursos financeiros não o permitem por enquanto. A tarefa não é simples, extravasa o mero esforço dos dirigentes e carece da acumulação de muitas boas-vontades dos associados, ou de algum benemérito. Esperemos que num futuro próximo isso possa ser uma realidade.

A cardiomiopatia dilatada é uma patologia cardíaca associada a uma predisposição genética, mais comum em cães de grande porte, e que pode comprometer o bem estar e a longevidade do paciente. Não é necessariamente uma doença do cão idoso sendo em média aos 6 anos que aparece com mais frequência. Estão descritos casos desde idades jovens como 1 ou 2 anos. Há uma progressiva perda de contratilidade do músculo cardíaco que é acompanhada por uma também progressiva dilatação das cavidades cardíacas. Este processo conduz a uma insuficiência cardíaca que embora progressiva aparece quase sempre do ponto de vista clínico de forma abrupta e grave. Embora o prognóstico e a perspectiva sejam a médio/longo prazo maus, a medicação tende na maior parte dos casos a equilibrar o paciente por um período de tempo razoavelmente importante, sendo mantida qualidade de vida considerável boa. Os Serra da Estrela têm sido frequentemente relacionáveis com esta patologia, o que motivou este artigo que pretende ser informativo e de divulgação a público interessado.

1. Introdução

A cardiomiopatia dilatada (CMD) é uma patologia cardíaca caracterizada por uma perda e redução progressiva da capacidade contráctil por parte do músculo cardíaco (miocárdio) geralmente acompanhada por perda de espessura do mesmo músculo e gradual dilatação das várias cavidades cardíacas (aurículas e ventrículos).

É uma doença evolutiva e invariavelmente fatal. Durante um período grande, por vezes de anos, os mecanismos de compensação naturais permitem camuflar a sua existência e são compatíveis com uma situação, ainda que subjectivamente, considerável como normal.

A descompensação deste equilíbrio dá-se habitualmente de forma agudizada e abrupta e requer acompanhamento médico. Embora o sucesso da terapêutica médica instituída nesta altura não exclua alguns insucessos e mortes de pacientes, na maior parte dos casos permite encontrar novo equilíbrio que é compatível com o readquirir de uma nova qualidade de vida sempre e definitivamente sob medicação.

Infelizmente este novo equilíbrio é também transitório pois o processo evolutivo associado à doença mantém-se impedindo que a certa altura a medicação permita controlá-lo.

Frequentemente a designação dada às CMD inclui a adjectivação de idiopáticas querendo com isso dizer que não são consequência de outras patologias. Por exemplo algumas lesões de válvulas cardíacas podem determinar o aparecimento de uma CMD mas neste caso considerável secundária. É às CMD idiopáticas que nos referiremos nesta apresentação.

2. Causas e grupos de maior risco

As causas subadjacentes às CMD não são bem conhecidas embora várias tentativas de explicação a nível bioquímico e molecular tenham

sido contempladas ao longo dos tempos. Particularmente a deficiência em alguns aminoácidos como a Taurina e a L-carnitina foram associados a alguns casos de CMD.

O que parece ser indiscutível é a existência de predisposição genética traduzida por um mecanismo complexo de transmissibilidade através de formas poligénicas (necessidade de conjugação de vários genes) com características de dominância mas com baixa penetrância (sendo dominantes e presentes geneticamente nem sempre se expressam da mesma forma no indivíduo). Estas características concorrem para que a patologia possa rapidamente ganhar expressão em grupos de risco e geneticamente fechados, como permite a utilização de reprodutores que se mantêm aparentemente normais mas portadores da doença. Este facto pode ainda ser mais complexo se a ele associarmos a constatação de por vezes a expressão da doença poder ser tardia na vida do paciente.

A CMD foi primeiramente ligada aos cães de raça Doberman e Boxer e depois ao Cocker Spaniel Inglês. Mais tarde incluiu grande parte das raças de grande porte (Pastor Alemão, Pastor Belga, Setter etc.) e particularmente as raças gigantes (Terra Nova, Dogue Alemão, Montanha dos Pirinéus, S. Bernardo, Irish Wolfhound, Dogue de Bordéus etc.). Está também descrita em gatos, particularmente em Siameses, Abissínios e Birmaneses mas é considerada mais rara. Além do Cocker Spaniel Inglês está descrita em algumas raças de menor porte como o Caniche associado à pelagem dourada.

Nas raças nacionais foi encontrada em vários casos na raça Serra da Estrela (representou 26% da casuística apresentada num trabalho em 1998 (Sales Luis *et. al*, 1998) e referida também noutros artigos (Lobo *et. al*, 2002).

Os cães de Água do Algarve apresentam uma forma distinta de CMD de expressão autossómica recessiva sempre associada a mortes muito precoces (2 a 32 semanas de vida).

Embora não se possa considerar haver predisposição de sexo considerada significativa a verdade é que quase todos os Autores apontam

Cardiomiopatia em

JOSÉ PAULO SALES LUÍS

Professor Associado com Agregação

para uma maior prevalência de casos no sexo masculino o que coincide também com a nossa experiência.

3. Sintomas e diagnóstico

Como já foi referido, durante muito tempo a doença vai progredindo em equilíbrio com o próprio paciente e nesta fase a maior parte das vezes não há queixas e inclusivamente a tolerância ao exercício é considerável normal. Durante esta fase a detecção da doença de forma segura não é fácil, mas hoje em dia estão consideradas duas formas de a avaliar nos grupos de risco. Por um lado os electrocardiogramas (ECG) sob a forma de Holter, ou seja registados continuamente por períodos de 24 horas ou mais que permitem detectar algumas arritmias relacionáveis com a doença. A presença de extrasístoles ventriculares e arritmias supraventriculares podem fazer prever a doença em curso embora nem sempre sejam específicas. Particularmente nos Doberman e menos frequentemente nos Boxer estas arritmias são mais comuns. Por outro lado a ecocardiografia tem métodos quantitativos que permitem avaliar a capacidade contráctil do ventrículo esquerdo (Fracção de encurtamento sistólico) e que começam a estar alterados antes do início dos sintomas. É uma forma mais segura e concreta de prever a doença permitindo iniciar terapêuticas mais precoces, atrasando o quadro clínico

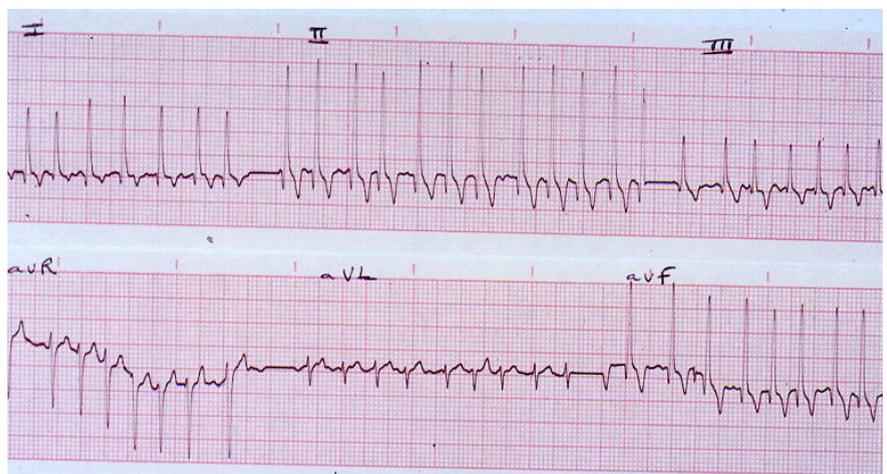


Fig 1

ECG de cão com CMD. Existem várias alterações rítmicas que se caracterizam por frequência cardíaca superior a 200 puls/ / min., fibrilhação auricular e extrasístoles supraventriculares

dilatada cães

Médico Veterinário.
da Faculdade de Medicina Veterinária de Lisboa.

mas não impedindo também a evolução da doença. Pode ajudar também a caracterizar mais precocemente os reprodutores em relação à presença desta doença. A alteração deste parâmetro não é exclusiva das CMD mas na maior parte dos casos está relacionada com ela.

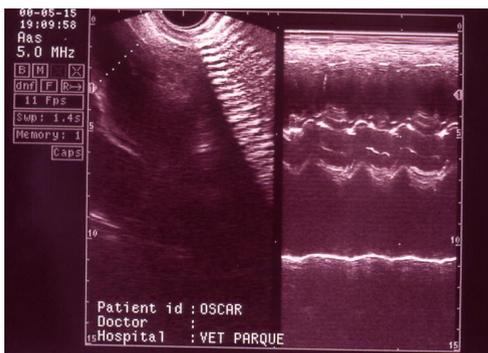


Fig. 2

Ecocardiograma em modo M de cão com CMD fazendo um corte que permite avaliar a grande dilatação da aurícula esquerda

Os sintomas aparecem depois, normalmente de forma brusca. As constatações mais frequentes incluem tosse e dispneia, intolerância ao exercício, anorexia, ascite (vulgo barriga de água), desmaios, posição ortopneica para facilitar a respiração (pescoço estendido, relutância em se deitar enrolado) e síncope ou morte súbita. À auscultação há grandes alterações com presença eventual de sopro, taquicárdia exuberante e grande arritmia. O exame ecocardiográfico permite confirmar a patologia. Permite ainda verificar se há presença de líquido pleural livre, que é uma complicação possível e que exige drenar o tórax. O Rx normalmente traduz-se num grande aumento da imagem cardíaca que está dilatada mas é menos específico que a ecocardiografia. Esta dilatação pode atingir numa fase inicial mais exuberantemente o coração direito e/ou esquerdo mas numa fase avançada acaba sempre por ser bilateral.

O que acontece nesta fase, de uma forma simplista, é que um coração que foi dilatando e perdendo força de contração lentamente, de repente entra em falência pela arritmia instalada. Esta arritmia traduz-se sempre por uma arritmia auricular (fibrilhação) associada a extrasístoles supra ou ventriculares e a um aumento de frequência brutal que atinge mais de 200 pulsações por minuto quando em raças grandes ela deve-

ria ser de 100 a 120. Em imagem temos um coração muito grande e dilatado, cheio de sangue, com muito pouca força de contração, a bater muito depressa e descoordenadamente, o que se traduz numa bomba muito pouco eficiente. A quantidade de sangue lançada na corrente sanguínea é baixa e por outro lado o sangue que retorna ao coração não tem escoamento acumulando-se e dando origem a ascites, edemas do pulmão ou acumulações de líquido pleural. É nesta fase que é urgente intervir medicamente para repor alguma eficiência no trabalho cardíaco.

Esta falência ocorre em idades muito variadas mas é em média aos 6-7 anos que ela é mais frequente. No entanto ela pode ocorrer em casos tão jovens como 1-2 anos de idade até casos descritos com 14 anos de idade. Não é portanto um patologia associável ao envelhecimento como muitas outras patologias cardíacas.

A caracterização da gravidade da situação do paciente nesta fase deve basear-se em parte nos sintomas apresentados, mas sobretudo nos dados do ECG que avaliam o tipo de arritmia (Fig. 1) e na observação e quantificação através do ecocardiograma da dilatação e capacidade contráctil do ventrículo esquerdo (Figs. 2 e 3).

Esta quantificação é expressa em percentagem e corresponde à fracção de encurtamento sistólico ou seja à capacidade que o ventrículo esquerdo tem de reduzir o seu diâmetro quando se contraí. Os valores normais são considerados de 30 a 50% embora nas raças gigantes valores superiores a 25% sejam aceitáveis. Quando estes valores diminuem são associáveis a uma CMD. De forma geral consideram-se situações ligeiras com valores de 20 a 25%, de gravidade mediana com valores de 15 a 20% e graves com valores inferiores a 15%. A tolerância em relação a raças de menor peso deve ser um pouco menor (ou seja devem ter valores um pouco mais altos). O registo destes valores pode ter interesse no seguimento clínico de um paciente para comparação com valores obtidos mais tarde.

4. Terapêutica e prognóstico

A terapêutica envolve normalmente uma medicação considerável pesada e que inclui vários tipos de fármacos com acções distintas.

Por um lado é importante impor uma maior força de contração ao miocárdio o que se pode conseguir pela utilização de um grupo de drogas designadas genericamente como digitálicas ou outras de efeitos paralelos. Embora sejam de importância capital na medicação até porque além do efeito referido colaboram em ritmizar e diminuir a frequência cardíaca, é preciso algum cuidado pois podem induzir perturbação gástrica intestinal e quando sobredosados podem representar um risco.

Por outro lado é preciso libertar o trabalho cardíaco da excessiva carga de líquidos que ele não consegue gerir e que se acumulam patolo-

gicamente em diferentes departamentos do organismo (ascite, derrame pleural, pulmão, membros etc.). Os vários fármacos de acção diurética têm aqui cabimento. A necessidade destes diuréticos e a sua dosagem varia muito de caso e de situação para situação e requer por isso alguma atenção do clínico assistente.

Outro grupo de medicamentos têm ainda acção sobre a vasculatura periférica contribuindo para diminuir a pressão arterial contra a qual o coração deve trabalhar e melhorando o aporte de oxigénio ao miocárdio. Acabam por ter um efeito benéfico no próprio trabalho cardíaco.

Os agentes ritmizantes são também de importância capital pois uma das condições básicas para o sucesso da intervenção médica é controlar a frequência cardíaca excessiva e organizar do ponto de vista rítmico o trabalho cardíaco. Há vários tipos de arritmias e por isso a selecção dos anti-arrítmicos varia também de caso para caso.

Nos casos relacionáveis com carências de Taurina ou L-carnitina, estes devem ser suplementados. São os casos de melhor prognóstico pois nestas situações há regressão da patologia embora o paciente fique dependente de fazer essa suplementação. Infelizmente estes casos são os mais raros. Nos gatos e nos Cocker Spaniel Inglês está descrita como sendo mais frequente a carência em Taurina e nos Boxer em L-carnitina.

Nas situações em que há líquido pleural acumulado é muitas vezes preciso drenar o tórax. Em ascites muito exuberantes o mesmo pode ter que ser feito a nível da cavidade abdominal.

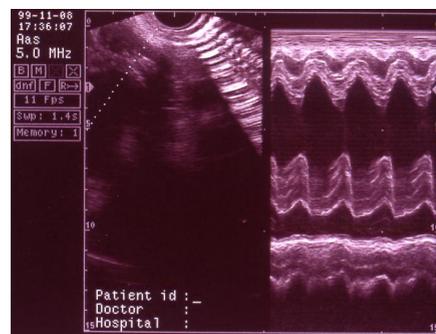


Fig. 3

Ecocardiograma em modo M de um cão com CMD que permite fazer o estudo da contratilidade através da leitura da fracção de encurtamento sistólico. Neste caso estava diminuída, sendo ainda constatável a presença de líquido pericárdico

Há uma série de recomendações que se sugerem para estes pacientes e que podem incluir dietas adequadas, alguma restrição em sal, repartição do alimento diário por pequenas refeições, doseamento da actividade física e vigilância mais apertada por parte do proprietário.

Estes cães tanto pela situação clínica como decorrendo da própria medicação tem dificuldade em engordar o que deve ser entendido pelo dono e embora contrariado não deve ser em si uma meta a atingir.

(Conclui na página seguinte)

A propósito de cardiomiopatia dilatada

MANUELA PARAÍSO E RUI GARÇÃO

Há alguns anos, fomos alertados por um veterinário para um problema grave, de origem genética, que ele já havia detectado em alguns Cães da Serra da Estrela, seus pacientes. Cardiomiopatia dilatada. Nunca tínhamos ouvido falar dessa doença e não imaginávamos que pudesse haver uma patologia de foro cardíaco associada à raça.

Decidimos consultar o Prof. Dr. Sales Luís, especialista em cardiologia veterinária, que confirmou, pela sua prática clínica, a existência dum número significativo de Serras afectadas por esta patologia. Num estudo que efectuou em 1998, a percentagem de exemplares da raça entre os cães com cardiomiopatia dilatada estudados era de 26%. Um artigo da autoria do Dr. Luís Lima Lobo e da Dra. Raquel Pereira, do Hospital Veterinário do Porto, publicado em 2002 na *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, refere igualmente a observação de vários exemplares atingidos pela doença.

Depois de um quebra-cabeças chamado displasia da anca, que tira o sono a qualquer criador responsável, a cardiomiopatia dilatada associada ao Cão da Serra da Estrela é francamente preocupante. Primeiro, porque a esmagadora maioria dos criadores, proprietários e mesmo muitos veterinários desconhecem a sua inci-

Depois de um quebra-cabeças chamado displasia da anca, que tira o sono a qualquer criador responsável, a cardiomiopatia dilatada associada ao Cão da Serra da Estrela é francamente preocupante.

dência na raça, o que leva a que animais afectados ou em estado subclínico possam ser utilizados na reprodução, com o risco de transmissão dos genes desta patologia à sua prole. Segundo, porque os exames de despiste não garantem que um animal, à data aparentemente isento da doença, não virá numa fase posterior a ser afectado por ela. Terceiro, porque actualmente não há forma de detectar se um Serra da Estrela é portador dos genes que determinam a CMD e assim retirá-lo da reprodução. Não devemos ser alarmistas – a cardiomiopatia dilatada existe em muitas raças populares, como o Boxer, o Cocker Spaniel e principalmente o Doberman –, mas temos de abrir os olhos para um problema sério e concreto que as opções por trabalhar em consanguinidade poderão agravar.

Há no entanto uma luz ao fundo deste longo túnel: nos Estados Unidos, a Fundação Ameri-

cana do Pinscher e Doberman estabeleceu recentemente um protocolo com a Morris Animal Foundation. Esse protocolo visa identificar o conjunto de genes responsável pela doença no Doberman, criar marcadores de ADN que permitam detectar os animais portadores e, a longo prazo, conceber um tratamento genético que elimine esses genes. Apesar de se saber que a cardiomiopatia dilatada é desde há muito estudada nos Doberman e que com o Serra da Estrela estamos abaixo do ponto zero, o exemplo americano poderá estimular, para a nossa raça, uma junção de esforços entre a APCSE e a LICRASE, criadores, veterinários e instituições diversas nacionais e parcerias no estrangeiro, para se proceder à recolha de amostras genéticas do maior número possível de exemplares da raça e a partir daí efectuar um estudo que permita identificar os genes que originam a CMD nos Serras. Com o texto que o Prof. Sales Luís escreveu para inclusão neste boletim e noutras publicações, dá-se o primeiro passo para que muitas mais pessoas saibam da existência deste doença e da sua expressão no Cão da Serra da Estrela. Os passos seguintes, conducentes no limite à erradicação da doença na raça, só não os daremos se, como o avestruz, preferirmos enterrar a cabeça na areia.

(Conclusão da página anterior)

A avaliação da resposta à medicação permite muitas vezes numa primeira impressão traçar um prognóstico de evolução. Os dois parâmetros mais concretos são a regularização da frequência cardíaca e o grau de recuperação da contratilidade cardíaca avaliada pela fracção de encurtamento sistólico. É frequente perpetuarem-se algumas arritmias como a fibrilhação auricular. A adaptação da medicação à evolução de cada caso deve exigir uma revisão periódica mesmo quando aparentemente está tudo a correr bem.

Apesar disto a doença sendo evolutiva tenderá para definitivamente descompensar. O tempo médio de sobrevivência pós início de medicação é de 10 a 15 meses em média mas pode ir de períodos tão curtos como 2 meses até períodos de 2-3 anos.

5. Conclusão

As CMD nos cães de raças grandes e gigantes nomeadamente nos Serra da Estrela, representam a patologia cardíaca mais frequente. A predisposição genética, a gravidade da situação, e a dificuldade em padronizar os portadores e prever com antecipação a existência da doença têm concorrido para que ela ganhe expressão nalguns grupos de cães.

O exercício de nas raças de risco tentar detectar o mais precocemente possível a doen-

ça tem interesse no atraso que se pode conseguir em relação à evolução de cada caso e à eliminação como reprodutores dos casos positivos. As grandes questões a este propósito relacionam-se com o aparecimento nem sempre precoce da doença e com a falibilidade dos exames que se podem utilizar e que nem sempre são absolutamente específicos.

A evolução das formas medicamentosas de apoio a estes pacientes têm evoluído mas continuam a não conseguir travar a evolução fatal do quadro clínico, apesar de permitirem contemporizar com a doença, com qualidade de vida aceitável por períodos de tempo frequentemente significativos.

A perspectiva futura pode residir numa melhor compreensão da expressão genética da doença de forma a poder detectá-la à priori por esse meio e quem sabe vir a tratá-la através de intervenção a nível genético.

BIBLIOGRAFIA

- CALVERT, A. (1986) – Dilated congestive cardiomyopathy in Doberman Pinschers. *Comp. Continuing Education Practicing Vet.*, 8, pp. 417-430.
- CALVERT, A. (1992) – *Up date: Canine dilated cardiomyopathy*. In Kirk's Current Veterinary Therapy XI, Saunders, 773-779.
- FOX, P.; SISSON, D.; MOISE, S. (1999) – *Textbook of canine and feline cardiology*. Saunders, 2nd ed..

LOBO, L. L.; PEREIRA, R. (2002) – Cardiomiopatia dilatada canina. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, 97, pp. 151-157.

SALES LUÍS, J. P.; CARVALHO, A. P. (1998) – Cardiomiopatia dilatada idiopática em canídeos a propósito de 23 casos (1995/98). *O Médico Veterinário*, 56, pp. 5-14.

VOLLMAR, A. C. (2000) – The prevalence of cardiomyopathy in the Irish Wolfhound: a clinical study of 500 dogs. *J. American Animal Hospital association*, 36, pp. 125-132.

Cantinho da Poesia

Cão da Serra da Estrela

*Donde vem tua beleza,
Ó Cão da Serra da Estrela?
(Feitiço que se revela
No seio da Natureza,
Nas maresias da serra
Desta portuguesa terra...)
Donde vem tua beleza?*

A.C.

Europeia Barcelona 2004

APCSE

A Exposição Canina Europeia Barcelona 2004 realizou-se em Barcelona nos dias 4, 5 e 6 de Junho.

Em catálogo havia 25 exemplares da raça Cão da Serra da Estrela, sendo sete da variedade de pêlo curto e dezoito da de pêlo comprido.

Foram analisados e julgados pelo juiz português João da Paula Bessa.

As classificações foram as seguintes:

Variedade de pêlo curto



Concorrentes de pêlo curto

Melhor cachorro – ABEL DE S. LOURENÇO DE ERMEZINDE – Cr.: Maria Clotilde V. M. Soares; Pr.: João Silvino Venâncio Costa.

Campeã da Europa Júnior – fêmea – THEIA – Cr.: João Oliveira Direito; Pr.: Canil da Fonte Santa Associação.

CAC, CACIB, Campeão da Europa 2004 – machos – ADRO D'ALPETRATÍNIA – Cr./Pr.: João Silvino Venâncio Costa.

CAC, CACIB, Campeã da Europa 2004 – fêmeas – ROSNA – Cr.: Heinz-Dieter Weger; Pr.: Francisco Brandão de Mello.

Variedade de pêlo comprido

Melhor cachorro – ULKA DA QUINTA DE S. FERNANDO – Cr.: Suzette Veiga; Pr.: Gerald Andre.

Campeão da Europa Júnior – machos – RAMSES DA PONTA DA PINTA – Cr.: Manuela Paraíso & Rui Garção; Pr.: Eduardo Pereira.

Campeã da Europa Júnior – fêmea – ERIKA DA COSTA OESTE – Cr./Pr.: Rui Rosa.

CAC machos – BADEN BADEN DA PONTA DA PINTA – Cr./Pr.: Manuela Paraíso & Rui Garção.

CAC fêmeas – SHEILA JUNIOR DA SERRA DE SINTRA – Cr./Pr.: António Altavilla.

Campeão da Europa 2004 – CACIB machos – PACO DA COSTA OESTE – Cr./Pr.: Rui Rosa.

Campeã da Europa 2004 – CACIB – fêmeas – GABY DO SERTÓRIO – Cr.: Alberto Coito; Pr.: Rui Rosa.



Concorrentes de pêlo comprido

Clube Sueco do Cão da Serra da Estrela promove Exposição

VITOR VEIGA

Foi com prazer que aceitei o convite para julgar a Exposição Monográfica do Serra da Estrela no passado dia 22 de Maio de 2004.

Trata-se da mais importante prova de campeonato desta raça, coincidindo este ano com as comemorações do 20.º aniversário do Clube Sueco, facto que contribuiu para uma maior dimensão do evento, crescendo, em responsabilidade, a minha actuação de juiz. Fui amavelmente recebido pelo Dr. José Afreixo, que me dispensou grande apoio e me conduziu a uma pequena cidade a sul de Estocolmo, onde se iria realizar a Exposição, da responsabilidade do Clube Sueco do Cão da Serra da Estrela. À chegada, fomos cordialmente recebidos pelos responsáveis daquele Clube, esperando-nos um churrasco ao ar livre, com muitos associados do Clube e expositores, o qual se prolongou pela noite dentro.

No dia seguinte e apesar da noite anterior ter atingido baixa temperatura, o Sol foi uma presença constante, desenrolando-se os julgamentos entre as onze da manhã e as três da tarde, sem interrupção para almoço.

O local da exposição era muito agradável, constituído por um amplo relvado junto a um parque de campismo, com vista para um imenso lago que banha a periferia da pequena cidade de Jönköping. Os julgamentos decorreram a bom ritmo, com uma participação de 42 exemplares, da variedade de pêlo comprido e representados em todas as classes.

Na sua grande maioria, os exemplares eram de expositores suecos, ainda que também estivessem representa-



dos alguns estrangeiros, nomeadamente vindos da Holanda, de Inglaterra e da Finlândia.

Pude apreciar um efectivo de Serras de qualidade média, ainda que um pequeno número tivesse pouca tipicidade. Em geral, as fêmeas mostraram melhores qualidades do que os machos e as classes de Cachorros e Aberta mostraram maiores tipicidade e qualidade, sendo a Classe de Júniores aquela que se mostrou mais irregular.

Muitos dos exemplares não apresentavam gancho, embora vários aparentassem tê-lo, mostrando-se, também, as orelhas pouco repuxadas e nem sempre bem implantadas.

Impressionaram-me os três machos da Classe Cachorros, com afixo *Li'l Folks*, pela sua tipicidade e homogeneidade, sendo todos de origem finlandesa, bem como a homogeneidade do grupo de Criador holandês de afixo *Karabas*.

Na Classe Intermédia destacou-se uma fêmea de muito nível – *Karabas Genamalak Gankax Gangami* –, vinda da Holanda, que mostrou grande equilíbrio e tipicidade e que veio a obter a «Reserva de Best In Show».

Na Classe Aberta, a fêmea finlandesa *Finuch Li'l Folks Quena* foi digna de nota pela sua qualidade, tanto pela colocação de orelhas como pelas angulações e amplitude de movimentos. Também na Classe Aberta saiu um imponente macho, criado na Suécia, de magnífica estrutura, o *Zoian's Alvito*, que veio a sagrar-se vencedor do «Best In Show» da exposição.

De notar o excelente estado de pelagem dos exemplares e o aspecto bem conservado dos veteranos, tudo denotando o grande cuidado que os suecos dispensam aos animais.

O dia terminou com um excelente jantar comemorativo do aniversário do Clube, onde se reuniram muitos dos expositores, num ambiente simpático e acolhedor, e onde se trocaram impressões sobre a raça, nomeadamente sobre as cores previstas no novo Standard da Raça, recentemente aprovado pelo Clube Português de Canicultura.

Penso que depois destes esclarecimentos, deixarão de existir dúvidas sobre as cores, terminando com as interpretações erradas de alguns juizes ingleses e suecos.

Esta jornada foi para mim uma grata experiência, sentindo-me honrado pela oportunidade que me foi dada, para, dentro do possível, contribuir para o melhoramento do Cão da Serra da Estrela.

Canil de Paio Pires

Rafeiro do Alentejo



Dom Pedro IV de Paio Pires

Da mesma ninhada:
Beleza
 e
Funcionalidade



Dom Afonso Henriques de Paio Pires

Tms: 962996696 ou 966506935
 Email: canilpaiopires@netcabo.pt
 Website: www.canildepaiopires.com.sapo.pt

Canil  de Lóas

Não nos limitamos a criar...
 ...amamos o que fazemos!

Canil Casa de L as de Fátima Calamote e José Almeida

Criação de Cães da Serra da Estrela



Rua Vale de Nogueira, 13 – 1685-559 CANEÇAS
 Tel.º 937 265 072 / 937 288 355
 saalmeida@netcabo.pt – www.casadeloas.com.pt



Tel. / Fax:
 261 933 278
 Tlm:
 919 100 812
 969 044 430

Cachorros ocasionalmente disponíveis
 www.costaoeste.cjb.net – canil.costa.oeste@netc.pt

ESCOLHA PARA SEU COMPANHEIRO UMA RAÇA PORTUGUESA

Campeão
 da Finlândia,
 da Suécia
 da Estónia

Cão de Água Português



Boogie
 LOP119387

Criadora:
Ana Vitória Ruivo

Proprietária:
Mercedes Gerales
 – Afixo Monte do Catula –

Quinta do Rosal
 Estrada de Mem-Martins, 240
 2725-383 MEM-MARTINS

Tel. 934 586 776
 mercedesgeraldes@iol.pt

NUNCA POR MOTIVO ALGUM O ABANDONE